

## HOUE UMA RETÓRICA JESUÍTICA ANTES DA *RATIO STUDIORVM*?

BELMIRO FERNANDES PEREIRA

Univ. Porto, CECH, FLUP

ORCID 0000-0002-0513-0926

bpereira@letras.up.pt

A exercitação da eloquência detinha papel central na pedagogia da *Ratio Studiorum*. Que essa *disciplina* aplicasse uma *doctrina* original ou inovadora não parece tão claro. Por isso, valerá a pena reflectir sobre a pertinência da designação *retórica jesuítica*, quando aplicada ao século XVI. Para compreendermos a retórica ensinada pelos jesuítas durante os cinquenta anos de experimentação que vieram a resultar na *Ratio* definitiva, convirá atentar nos regulamentos, apostilas, manuais e compêndios redigidos sob o governo dos três primeiros gerais, Santo Inácio, Diego Laínez e S. Francisco de Borja. Importará indagar que fatores intervieram na definição da pedagogia jesuítica: as orientações ensaiadas nos *ordines studiorum* dos primeiros colégios, a ação dos principais pedagogos da Companhia, a história pessoal de Santo Inácio.

O fruto maior do percurso espiritual do fundador encontra-se no livrinho dos *Exercícios Espirituais*, «fonte donde derivam todas as outras», método de discernimento que da *exercitatio* conduz à *imitatio*, seleção de textos bíblicos ordenados para a missão segundo critérios de eficácia. Em Santa Bárbara, no colégio parisiense dirigido por Diogo de Gouveia, Inácio, entre 1529-1535, não só recebe a formação humanista, como faz amizade com os próximos fundadores da nova ordem religiosa. No colégio dos portugueses aprenderam a atenção ao *kairós*, os princípios do *decorum* retórico. O sucesso da Companhia de Jesus dever-se-á precisamente à combinação de segurança doutrinal e clareza de critérios com uma dinâmica de contínua adaptação. A Parte IV das Constituições apresenta uma verdadeira teoria educativa, não como código impositivo, mas como conjunto de diretrizes a realizar conforme as circunstâncias. Torna-se, portanto, um traço distintivo dos jesuítas o cuidado em adaptar a palavra e a ação ao momento, às pessoas, ao lugar, às circunstâncias. Por isso John O'Malley considera a vertente retórica da missão da Companhia o princípio basilar de todos os ministérios, que as Constituições identificam como marca do *noster modus procedendi*. Mais do que capacidades inatas, mais do que a arte, valoriza-se a *exercitatio*. E assim se legitimam as humanidades greco-latinas, desde que concorram para a formação cristã: «da literatura pagã não se ensine nada que

contenda com a moral, de tudo o mais poderá servir-se a Companhia, como dos despojos do Egipto»<sup>1</sup>.

Em outubro de 1548 funda o P. Nadal o Colégio de Messina. Os traços mais salientes do ensino jesuítico ficam vincados, o *modus parisiensis*, a sequência de pelo menos cinco classes que culmina na classe de retórica, a exercitação diária, as repetições semanais, as composições escritas, as disputas e exibições públicas, as *concertationes* e *declamationes*, o ensino gratuito. Pedro Canísio, que tem a seu cargo o ensino da retórica, leciona o *De amicitia* de Cícero e a *Institutio* de Quintiliano, além de textos de Tito Lívio e Suetónio; na classe de humanidades Coudret ensina as *Tusculanae* de Cícero, a *Arte Poética* de Horácio e o *De copia uerborum et rerum* erasmiano<sup>2</sup>. Queixam-se os mestres da proibição dos manuais de Erasmo; Pedro Canísio até receia que, por via disso, tenham os jesuítas de fechar os colégios. Redigiu o P. Nadal para a nova fundação uma *ratio* que se tornou texto importantíssimo para fixar o perfil das escolas da Companhia, mas mais importante ainda foi a sua ação quando passou a dirigir o *Collegio Romano*. Aqui, na década de sessenta desenvolve-se intensa atividade na produção de textos normativos; o P. Ledesma redige um *De ratione et ordine studiorum*; Nadal e Perpinhão compõem em 1565 regras para o ensino das humanidades a aplicar em toda a Companhia. É esta a *Ratio borgiana* que, com ligeiras alterações, em 1569 será estendida a todas as províncias. Havia desde 1570 um *modus* de ensino das Humanidades, comum a todas as províncias. Mas será o quinto Geral, o P. Claudio Acquaviva, quem a partir de 1581 impulsionará a elaboração de uma *Ratio Studiorum* para toda a Companhia.

Em Portugal os jesuítas dedicavam-se ao ensino público desde a inauguração do colégio de Santo Antão em 1553. Com a entrega do Colégio das Artes à Companhia em 1555 mais se acentua essa vertente da sua ação. Pelo *Catalogus lectionum Regii Gymnasii Conimbricensis* conhecemos o estado em que se encontrava o Colégio das Artes. Na primeira classe lia-se o *Pro Archia*, o canto IX da *Eneida* e as *Partitiones Oratoriae*; na segunda o livro I do *De inuentione*, as *Catilinárias* e o canto IV da *Eneida*; na terceira cartas de Ovídio e de Cícero; na quarta as *Epistolae ad Familiares* de Cícero e os *Tristia* de Ovídio; na quinta os *Adelphoe* de Terêncio, cartas de Cícero e a *Arte* de António; na sexta a *Andria* de Terêncio, cartas de Cícero e uns *rudimenta* gramaticais; na sétima o *Heautontimorumenos* terenciano, *epistolae* de Cícero e os *rudimenta*; na oitava a *Andria* e os *rudimenta*; na nona os *Disticha Catonis* e os *rudimenta*; na décima os *Rudimenta*<sup>3</sup>. No essencial há grande coincidência com os programas dos colégios

---

<sup>1</sup> “in libris ethnicis litterarum humaniorum nihil, quod honestati repugnet, praelegatur. Reliquis, ut spoliis Aegypti, Societas uti poterit” (*Mon. Paed.* 1965-86: 1. 222-223).

<sup>2</sup> Polanco 1894-98: 1. 248-285.

<sup>3</sup> *Mon. Paed.* 1965-86: 1. 644-645.

de Messina, Palermo e Roma: os tratados ciceronianos e a *Eneida* nas classes adiantadas, as cartas de Cícero e os poemas de Ovídio nas classes elementares.

Em 1555, na oração inaugural do Colégio das Artes, o P. Perpilhão refere os autores que os alunos de humanidades começaram a ouvir: Homero e Demóstenes nas classes de grego, Ovídio, Cícero e Virgílio nas classes de latim<sup>4</sup>. As diferenças situam-se no ensino gramatical e na progressiva exclusão das comédias de Terêncio, apesar de alguma relutância em aceitar as proibições de Santo Inácio. Em 1561 nas *Instructiones de studiis humanitatis et rhetorices*, dadas pelo P. Nadal na sua visitação a Coimbra, manda-se o P. Cipriano Soares purgar e imprimir todos os livros de Horácio, Marcial, Catulo e Tibulo, mas quanto aos comediógrafos ordena-se também que o *Trinummus* e a *Aulularia* sejam expurgados do que houver de antigo e inusitado e que se imprimam; bem assim os *Adelphoe* de Terêncio. Substituem-se artes modernas como os manuais de Vaseu ou Ringelberg pela seleta de retores clássicos coligida por Cipriano Soares<sup>5</sup>. Santo Inácio aprova um cânone inteiramente pagão; as suas reservas em relação a Terêncio e a outros autores latinos são de ordem moral. Os *catalogi lectionum collegii conimbricensis* de 1562-63 atestam a pervivência dessa pedagogia. Nas classes de grego liam-se os *Diálogos dos mortos* de Luciano tão apreciados pelo humanista de Roderdão; nas classes mais avançadas de latim alternavam Virgílio e as *orationes* ou tratados de Cícero, nas mais baixas Ovídio e as cartas ciceronianas. Na classe de humanidades e na terceira de gramática, estudava-se a *Rhetorica Patris Cypriani*, nos níveis mais elementares o erasmiano *De octo partium orationis constructione libellus*<sup>6</sup>.

Em 1561 o P. Perpilhão é transferido para o Colégio Romano. Na oratio inaugural do seu curso sobre o *De oratore*, afirma que a *eloquentia* não é uma *uirtus* mas sim uma *uis*, porque a mesma *res* pode ser comunicada por *duae contrariae orationes*. Perpilhão, e com ele a maioria dos retores da Companhia, prefere a perspetiva aristotélico-ciceroniana à retórica quintilianista. Durante os quatro anos que viveu em Roma, teve Perpilhão papel decisivo na configuração da retórica jesuítica, contributo concretizado na revisão dos *De arte rhetorica libri tres*. É a edição revista por Perpilhão, publicada em Veneza, em 1565, que vem a consagrar o compêndio de Soares como texto de referência nos colégios da Ordem ainda antes de a *Ratio Studiorum* o fazer<sup>7</sup>.

<sup>4</sup> *Mon. Paed.* 1965-86: 1. 465-474.

<sup>5</sup> *Mon. Paed.* 1965-86: 3. 56-59.

<sup>6</sup> *Mon. Paed.* 1965-86: 3. 581.

<sup>7</sup> Em 1564 a seleta do P. Soares já era usada em Coimbra, Évora, Lisboa e Roma; depois, muitos documentos comprovam a sua adoção noutros colégios: Ingolstadt (1568), Gand (1574), Mogúncia e Espira (1576), vd. *Mon. Paed.* 1965-86: 2. 156 e 507, 3. 573, 585-586, 592, 596-597, 4. 363, 377, 379.

Muito por causa do *Ciceronianus* de Erasmo, por esta altura, o ciceronianismo tinha adotado soluções de compromisso, privilegiando a riqueza combinatória, a *ars uariandi*. A originalidade do orador dependerá do modo como conseguir adaptar às circunstâncias uma *facultas dicendi* universal. Ao tomarem Aristóteles como escudo de Cícero, na feliz expressão de Fumaroli, os tulianos de agora não esquecem que além de prosa de arte, a *oratio* deve conformar-se igualmente com as exigências da comunicação imediata. É esta retórica implícita que encontramos nos *De arte rhetorica libri tres* de Cipriano Soares.

A ideia da inadequação pedagógica dos tratados antigos tinha-se tornado tópico recorrente. Repetem-no os mestres da Companhia de Jesus, mas foi diferente a solução que encontraram: em vez de novidades ou opiniões extravagantes procuraram as doutrinas mais aceites entre os antigos; em vez de uma arte, um compêndio. De facto, a obra do P. Cipriano não afasta os estudantes dos textos clássicos, antes lhos ministra em dieta adequada; o compêndio não se apresenta como alternativa aos textos dos retores antigos, escrupulosamente citados pelos mestres jesuítas, mas sim como sua epítome, instrumento necessário para substituir as artes de Vaseu e Ringelberg. Com a edição revista pelo P. Perpinhão, começa a extraordinária fortuna do compêndio do P. Soares. A própria natureza compendiária favoreceu a sua difusão: podia ser acrescentado ou resumido sob diversas formas. Contando todo o tipo de versões, o *De arte rhetorica* entre 1562-1836 foi editado 207 vezes, por finais do séc. XVII teria servido de manual a mais de cinco milhões de estudantes.

Houve, portanto, uma retórica jesuítica no séc. XVI, mas foi mais *disciplina* que *doctrina*, por um humilde e intencional apagamento do transmissor da retórica haurida nos clássicos. A ortodoxia precisava de uma teoria estética com vocação universal, que pudesse ser aplicada em qualquer parte do mundo, do velho e do novo, tão atual e atuante como longínqua e modelar. A fidelidade à ortodoxia clássica supunha uma conceção holística do saber, o consenso dos autores, doutrinas isentas de particularismos, adesão da palavra ao pensamento. Por via dessa unidade de conceção, os mestres da Companhia não se ocupam de retóricas especializadas, nem da retórica sacra. Entre os autores das retóricas borromeanas estão dominicanos, clérigos seculares, franciscanos, jerónimos, mas dessa rede não constam jesuítas. Os escritores da Companhia parecem alhear-se da retórica eclesiástica, novo género que se afasta tanto do *sermo modernus* como da *oratio* clássica. Num ponto Inácio estaria de acordo com Erasmo, *monachatus non est pietas*. A nova ordem prescinde do coro e do ofício comunitário, não tem uma missão concreta, mas sim um ideal para a missão, o *magis* inaciano, o serviço que for mais urgente, mais necessário e mais universal. Daqui se deduz a insistência numa retórica mínima, pronta a usar em qualquer circunstância; daqui decorre a recusa das novidades dos modernos. No prefácio do seu compêndio Soares promete o que houver de melhor na tradição, *non multa sed multum*, e, detalhe mais significativo, compromete-se a nada mudar

sem razão, *nihil sine ratione mutare*. Apesar do que fica exarado no título, o *De arte rhetorica* cita Aristóteles 37 vezes, Quintiliano 119 vezes, mas de Cícero oferece 410 citações. Soares está em sintonia com o ciceronianismo reformado, com a ortodoxia estética tornada oficial pelo P. Claudio Acquaviva. Por tudo isto, julgo parcimonioso Andrea Battistini quando chama ao P. Cipriano ‘ainda humanista’. Mais justo me parece Charles Baldwin, quando diz que a teoria clássica está inteiramente viva e a funcionar na retórica de Soares<sup>8</sup>.

A produção jesuítica de textos retóricos só passará a ser realmente significativa depois da versão definitiva da *Ratio studiorum*. Nessa notável produção retórica, avultam os *Tullianarum quaestionum de instauranda Ciceronis imitatione libri IV* de André Schott (1610), o *Orator christianus* de Carlo Reggio (1612), os *Eloquentiae sacrae et humanae parallela libri XVI* de Nicholas Caussin (1619), as *Orationes* de Tarquinio Galluzzi (1619) e as *Vacationes Autumnales* de Louis de Cressoles (1620). Mas este importantíssimo *corpus* de textos pertence já, todo ele, ao séc. XVII, como pertencem as contributos maiores dos jesuítas para a teorização do barroco, a *Agudeza y arte de ingenio* de Baltasar Gracián (1642), o *Cannocchiale aristotelico* de Emanuele Tesauro (1654).

---

<sup>8</sup> Vd. Baldwin 1939: 64 e Battistini 1981: 115. Para mais informação, vd. Fernandes Pereira 2012: 750-809 e Fernandes Pereira, “The *De arte rhetorica* by Cipriano Soares (Coimbra, 1562)” (em curso de publicação).

## BIBLIOGRAFIA

- Baldwin, C. S. (1939), *Renaissance Literary Theory and Practice*, New York, Columbia University Press.
- Battistini, A. (1981), “I manuali di retorica dei Gesuiti”, in G. Brizzi (ed.), *La Ratio Studiorum. Modelli culturali e pratiche educative dei Gesuiti*, Roma, Bulzoni, 77-120.
- Fernandes Pereira, B. (2012), *Retórica e Eloquência em Portugal na época do Renascimento*, Lisboa, IN-CM, 750-809.
- Fernandes Pereira, B., “The *De arte rhetorica* by Cipriano Soares (Coimbra, 1562)”, in M. Miranda – B. F. Pereira (eds), *The Coimbra Colégio das Artes and Jesuit Humanism* (em curso de publicação).
- Monumenta Paedagogica Societatis Iesu* (1965-86), 5 vols., in *MHSI (MONUMENTA HISTORICA SOCIETATIS IESV)*, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1. 222-223; 465-474; 644-645; 2. 156 e 507; 3. 56-59, 573, 581, 585-586, 592, 596-597; 4. 363, 377, 379.
- Polanco, J. (1894-98), “*Vita Ignatii Loiolae – Chronicon*”, 2 vols., in *MHSI (MONUMENTA HISTORICA SOCIETATIS IESV)*, Madrid, Institutum Historicum Societatis Iesu, vol. 1. 248-285.